

A República Portuguesa em África

DA CERTEZA DAS «VIDAS NOVAS»
À «HISTÓRIA REAL DE UM AMOR IMPOSSÍVEL»

Laura Cavalcante Padilha*

Os leitores de Luandino Vieira e de Pepetela facilmente entenderão o título desta breve intervenção. *Vidas Novas*, coletânea de contos escrita em 1962, é um pacto explícito de Luandino com o desejo de libertação nacional que, a partir de 1961, ganhara concretude histórica com a guerra pela independência. Por sua vez, o sintagma «história real de um amor impossível» compõe o subtítulo de *O Planalto e a Estepe*, romance de Pepetela de 2009. Tal subtítulo aparece apenas na capa do livro e se faz uma espécie de suplemento, cuja leitura leva o receptor a uma outra via interpretativa da obra. Lemos assim: «Angola, dos anos 60 aos nossos dias. A história real de um amor impossível». A trajetória entre a certeza e a impossibilidade será objeto da reflexão que aqui se pretende desenvolver, partindo do princípio de que o colonialismo, contra o qual se lutava em 1962, vai curvar-se ao neocolonialismo, vigente em 2009, o que impede que o sonho republicano da nação criada em 1975 se cumpra em plenitude.

Se tomamos os dois fios temporais referentes à produção das obras, pensando-os como duas pontas de um novelo, veremos que, uma vez desfeito o emaranhado, a linha antes enovelada, quando liberta, mostra nunca ter perdido sua cor e consistência simbólica, pois nela sempre se sustentou um mesmo desejo, isto é, o de que se criasse em Angola uma verdadeira «democracia revolucionária», aqui remetendo a Amílcar Cabral (cf. 1999, pp. 59-65). Uma vez vitoriosa, tal construção democrática asseguraria ao povo um estado de felicidade pelo qual ele passaria a ocupar um outro lugar na história, daí o nome que a nação recebe, ao se formar: República **Popular** de Angola (e grifa-se o adjetivo, depois suprimido).

*Professora Associada da Universidade Federal Fluminense (aposentada), com atuação na pós-graduação em Estudos de Literatura da mesma instituição. Pesquisadora 1B do CNPq. Autora das obras: *O Espaço do Desejo* (1985); *Entre Voz e Letra* (1995 e 2007) e *Novos Pactos, Outras Ficções* (2002). Organizadora, com especialistas nacionais e estrangeiros, de várias obras coletivas, como, *A Mulher em África*, com Inocência Mata (2007); *Lendo Angola*, com Margarida Calafate Ribeiro (2008), dentre outras. Autora de diversos capítulos de livros, além de artigos publicados em periódicos nacionais e estrangeiros. Área de atuação: Literaturas de língua portuguesa, com ênfase para as Africanas.

A leitura das obras de Luandino e Pepetela, escritas em meio século de lutas, dissensões e, até 2002, muito sangue derramado, revela que elas representaram, e ainda representam, uma «força inovadora e expansiva» – e a lição é de Gramsci (1978: p. 23) – que impeliu os agentes literários a buscarem os caminhos para a criação de uma «nova literatura» que, segundo o pensador italiano, não poderia deixar de ser «histórica, política, popular» (p. 14). Essa é a proposta dos dois ficcionistas angolanos que fazem de suas produções, por isso mesmo, escritas para a liberdade, tentando romper, no plano artístico-verbal, os padrões estéticos e éticos sempre hegemônicos, porque cúmplices da colonialidade que nunca perdeu a força.

Convoca-se, aqui, além de *Vidas novas*, o romance *Nós, os do Makulusu* de Luandino, pois ambas as obras se escrevem em prisões e em regime de urgência. A primeira, de 28-06 a 28-07-1962, em Luanda, e a segunda, de 16 a 23-04-1967, no Tarrafal. Nos contos, a euforia e a confiança parecem mais consolidadas que no romance, com o narrador, embora com frequência ausente do contado, a acumpliciar-se, pelo afeto, com a resistência dos sujeitos por sua efabulação plasmados e que se apresentam como seres privados da liberdade, estejam eles aprisionados literalmente, como Lucas Matesso na cadeia de Luanda, e como o menino Zito Makoa na sala do diretor da escola, ou se achem manietados a uma condição degradante em todos os sentidos, conforme se dá, por exemplo, com a jovem prostituta Dina da primeira estória.

Em *Nós, os do Makulusu*, percebe-se que a quase fé cega sofre um abalo, causado pela crueza da guerra e pela ceifagem da morte. O novo estado de Angola, já adiantada a luta, leva à implosão da relação construída pelos meninos antigos do Makulusu, e que é recuperada pela memória do narrador – Mais Velho –, que parece ser o único sobrevivente do grupo. Esses meninos, no presente narrativo, se fazem linhas partidas, tomando rumos diferentes e divergentes, de acordo com sua consciência e com o modo escolhido de participação, ou não, na guerra.

Desse modo, Mais Velho, o primogênito branco de uma família de colonos, não participa diretamente do confronto bélico, embora, como homem de pensamento que é e por seu profundo amor pela terra, escolha o lado de Angola na luta. Já Maninho, seu irmão menor e morto na guerra, embora não em combate, cujo corpo Mais Velho vai encontrar – daí sua «viagem pelas ruas de Luanda» – opta, apesar de tudo, pelo lado português. De sua parte, Paizinho, meio-irmão de ambos, mulato escuro, se transforma na sustentação ética da narrativa, pois nele pensamento e ação politicamente se coadunam, o que o leva a transformar-se no revolucionário do presente, para quem liberdade e justiça são lemas indissociáveis.

Como disse, há, no romance, uma fratura e nele se instaura a desconfiança de que o projeto de libertação não levasse à construção de uma democracia participativa, porque verdadeiramente democratizada, conforme posto por Sousa Santos

(2007). É esse projeto de «democratizar» a democracia que sustenta, também e, sobretudo, a obra ficcional de Pepetela, desde *Muana Puó*, de 1969, em que se exalta, antes de qualquer outra coisa, uma «procura que cria vida.» (1978, p. 170).

Com *Mayombe*, romance de 1971 escrito no palco das operações da guerra, o desejo de que a democracia revolucionária se consolidasse também se representa, seja no plano estético, daí a fala narradora multiplicadamente polimórfica, seja no ético ou no político-ideológico. Desse modo, a obra romanesca se faz um outro exercício de escrita para a liberdade, exercício esse tecido por várias vozes guerrilheiras e pela de um supranarrador que, com suas artes e artimanhas, vai tecendo o tapete da desconfiança de que o projeto pelo qual se luta, naquele momento histórico, possa não chegar a bom termo em uma Angola independente, onde o colonialismo, uma vez vencido, acabaria por dar lugar a um perverso neocolonialismo, como mostrará *A Geração da Utopia* (1992).

Nesse romance, o neocolonialismo e o retorno do imperialismo se tornam um fato concreto, tanto pela dureza e insanidade da guerra civil, quanto pelas contradições do próprio poder político instaurado em 1975, de acordo com a percepção do narrador e de personagens da obra. A fala do Sábio, codinome de Aníbal, a figura mais densa do romance, é uma comprovação do processo. Vejamos sua autocrítica:

O povo esperava tudo de nós, prometemos-lhe o paraíso na terra, a liberdade, a vida tranquila do amanhã. Falamos sempre no amanhã. Ontem, era a noite escura do colonialismo, hoje, é o sofrimento da guerra, mas amanhã será o paraíso. Um amanhã que nunca vem, um hoje eterno. (1992: p. 141)

A fé cega na salvação e na felicidade perde força. A reminiscência luminosa do passado quase mítico cede lugar ao passado mais recente. Neste, a «noite escura do colonialismo» foi substituída pelo «sofrimento da guerra» e por outras contradições que levam à negação do sonho antigo, e abalam, em certa medida, a criação de uma república popular angolana, como o próprio nome da nação indicava. O povo se afasta da cena e não pode ocupar o papel sonhado pelos antigos líderes revolucionários, como Agostinho Neto, Amílcar Cabral e/ou Eduardo Mondlane.

Por seu turno, os romances escritos por Pepetela e Luandino, publicados no mesmo ano de 2009, são a demonstração, apesar de tudo, da força que ainda representa, não obstante todas as impossibilidades, «a história do amor» que ambos sentem por sua terra e por sua gente. Na volta de Luandino à cena literária, com seu *De Rios Velhos e Guerrilheiros I O Livro dos Rios* (2006), essa história retorna com ímpeto e quase alucinadamente, com o escritor a passar a limpo o processo de libertação e a tentar ler o que se rasurou no palimpséstico livro da história de sua nação.

Ele decide, então, abrir as «veias de Angola», projetando-as em seus rios e suas águas de sangue pelos quais navega, através do resgate do vivido, a personagem

Kene Vua, espécie de duplo do próprio autor, cuja memória é, por sua vez, a timoneira desse barco que cruza as águas da história de sua terra e as do rio Kuanza que simbolicamente – e citamos: «Rodeia a pátria da nossa luta.» (2006: p. 126). O que se dá, na obra, é uma tripla viagem: a do sujeito narrador de Luanda para o maquis; uma segunda que faz por dentro dele mesmo em busca de saber quem é e, conseqüentemente, uma terceira, a do sentido da própria luta que levaria à libertação, mas não à liberdade do homem angolano, como acaba por avaliar. O sujeito explode em crise e só se poderá chamar Kalunga, nome da morte e do mar.

Por outro lado, deve-se observar que Pepetela nunca aceitou fechar-se nas grades do silêncio, continuando tenazmente a perseguir seus sonhos, sempre dizendo de um amor que não conseguiu emudecer, daí o ter proposto, em *O Quase Fim do Mundo* (2008), uma espécie de epistemologia do Sul, sobretudo quando reergue, pela letra, a cidade imaginária por ele criada. Trata-se de Calpe, espaço sustentador do sonho e da utopia, desde *Muana Puó* e, já agora, cidade que aparece plantada, como dito pelo romance, no meio do «triângulo» formado pela «nascente do Nilo, a qual por vezes ainda é discutida, a do Congo e a do Zambéze», razão por que ela se faz «a cidade das nascentes [...] Ou a cidade de Todas as Águas» (2008: pp. 54-55). Uma vez mais, as águas se convocam para o batismo de novas esperanças, como no texto de retorno de Luandino.

Não é por acaso que, em seus dois últimos romances, o de 2008, atrás citado, e o de 2009, *O Planalto e a Estepe*, com o subtítulo também aqui referido, Pepetela tenha escolhido a viagem como sua principal linha de força imagético-discursiva. E essa viagem se dá sempre do Sul para o norte. Em *O Quase Fim do Mundo*, deixa-se a rota atlântica para se tomar a fluvial, representada pelo Nilo e seus afluentes. É por dentro do sul que se vai em direção ao norte, com os viajantes, em seu deslocamento às avessas, a se depararem, de um lado, com o vazio e, de outro, com a inutilidade dos monumentos construídos pelo museu imaginário do ocidente, seja do ponto de vista cultural, seja mesmo do político-econômico. Para tais viajantes e para o narrador da estória, só os monumentos de Luxor, como os templos Karnak, continuam a fazer sentido e a contar uma história quase sempre desconhecida.

Em *O Planalto e a Estepe*, a viagem também se faz núcleo efabulativo. Além das deslocções narradas na diegese, principalmente as de Júlio, o narrador, – do Lubango para Portugal, daí para Marrocos e para Moscou, por exemplo – arma-se um outro e doloroso deslocamento pelo tempo: «dos anos 60 aos nossos dias». Este deixa claro que o projeto político de uma Angola liberta, e voltada para a construção em diferença de seu povo, desmorona, assim como se desmorona a solidez da opção pelo socialismo marxista-leninista que servia de alicerce daquele mesmo projeto.

Como diz Júlio, o narrador morto, em seu deambular pelo passado, desde a infância até a morte, «A memória prega partidas, como a vida» (p. 16). Com esse

romance, Pepetela aponta que talvez o caminho esteja em desenvolver uma epistemologia do Sul, pela qual se possam criar outras soluções para o impasse de um «quase fim do mundo». Tal epistemologia se projeta no «Epílogo» de *O Planalto e a Estepe*, quando o narrador nos diz, angolanamente, que está pairando «sobre a gigantesca fenda da Tundavala, fenda que aponta o deserto. E o mar. E aponta o Sul, o grande Sul. O Sul da minha vida» (p. 190). Com o reforço desse Sul e do que a fenda – que se pode ler como a da história aberta para novas possibilidades – revela, o romancista parece querer dizer que o amor por sua terra ainda é possível, e só esse amor levará à liberdade.

Por seu turno, a obra publicada por Luandino – a segunda da anunciada trilogia –, *O Livro dos Guerrilheiros*, também em 2009, prudentemente é por ele denominada de «narrativas», embora a vejamos como um romance em fragmentos que, por sua forma, quer resgatar os estilhaços da história de um amor também impossível. Este novo pacto romanescos se articula como uma espécie de autoficção, pois nele não se consegue apagar de todo o «retrato» do autor que, por sua vez, recupera as «fotografias» dos que participaram diretamente do espaço da luta, conforme se dera em *Mayombe* e em *O Livro dos Rios*.

Com o romance, penetramos em uma imaginária galeria onde se expõem as fotos dos guerrilheiros, quase todos já mortos, desaparecidos, ou simplesmente esquecidos em uma nação que ajudaram a construir, mesmo que, como diz o narrador – o mesmo Kene Vua, embora com outro nome, Diamantino Kinhoka – a verdade de suas vidas sempre não é possível descrever, ainda que desejada; mas, menos ainda, desejada se possível. A gente fizemos a revolução, nossas memórias têm o sangue do tempo (2009: p. 12).

Penduram-se, nas paredes do romance, os retratos de algumas dessas vidas, cujas memórias são manchadas pelo sangue do tempo, como se dá com as marcas das velhas fotografias. A vida se escreve, mesmo que a morte queira tomar seu lugar. Assim, o amor continua a resistir, pela escrita da vida e pela certeza de que aqueles que lutaram pela revolução não morrem, encantam-se ou desaparecem da história. Suas vidas continuam a apontar para o futuro, mesmo que muitos não sejam capazes de lê-las.

A «história real de um amor impossível», face a tal resistência e certeza, precisa ser narrada e tanto Luandino como Pepetela o fazem com melancolia, certa impaciência e uma dose de dor. Suas produções literárias não se querem «ossos dispersos», tal como nos mostra *O Livro dos Guerrilheiros*, mas insistem em projetar-se como corpos integrados que acabam por revelar que vale a pena continuar a procura e manter o sentido do sonho, pois sempre haverá «vidas novas» a surgirem no horizonte, mesmo que seja apenas no da escrita, desde que esta se afirme e reafirme como uma escrita para a liberdade e se acumplice com o Sul, de onde, por exemplo, Luandino e Pepetela, em força, emergem.

Resumo: A comunicação enfoca obras de Luandino Vieira e de Pepetela, partindo do livro de contos *Vidas Novas*, escrito em 1962, pelo primeiro, e tendo como ponto de chegada *O Planalto e a Estepe*, do segundo, produzido em 2008, e cujo subtítulo é «Angola, dos anos 60 aos nossos dias. A história real de um amor impossível». O objetivo norteador da exposição é discutir como o sonho de criação de um país novo, pela independência, e que levaria à República, sofre um abalo muito grande, quando o sujeito nacional, no caso representado pelos escritores, percebe que o neocolonialismo acaba por tomar o lugar do «velho» colonialismo, impedindo que tal República se faça verdadeiramente popular, como sonhado. Serão analisadas, brevemente, duas obras de cada escritor, convocando-se Gramsci e Amílcar Cabral para base das reflexões analíticas.

Palavras-chave: Luandino Vieira, Pepetela, República, neocolonialismo.

Abstract: *This paper focuses on works by Luandino Vieira and Pepetela, beginning with the shortstories from Vidas Novas, written in 1962, by the first writer, and ending with the novel O Planalto e a Estepe, written in 2008 by the second one, with the sub-heading «Angola, from the 60s to our days. The real story of an impossible love». The guiding purpose of the exposition is to discuss how the dream of creating a new country through independence, which would lead to the Republic, is gravely shaken when the national self, in the case depicted by both writers, realizes that neocolonialism ends up taking the place of «old» colonialism, making it impossible for said Republic to become authentically popular, as it was wished. Two works by each writer will be briefly studied and Gramsci and Amílcar Cabral will be convened as the basis of the analytical reflections.*

Keywords: Luandino Vieira, Pepetela, Republic, neocolonialism.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CABRAL, Amílcar. *A Arma da Teoria*. Coordenação de Carlos Comitini. Rio de Janeiro: Codecri, 1980 (Coleção Terceiro Mundo; v. n. 41).
- *Nacionalismo e Cultura*. Edição de Xosé Lois García. Noia: Edicións Laiovento, 1999.
- GRAMSCI, Antonio. *Literatura e Vida Nacional*, 2.^a ed. Tradução e seleção de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- PEPETELA. *Muana Puó*. Lisboa: Edições 70, 1978.
- *Mayombe*. Romance. São Paulo: Ática, 1982.
- *A Geração da Utopia*. Romance. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- *O Quase Fim do Mundo*. Romance. Lisboa: Dom Quixote, 2008.
- *O Planalto e a Estepe. A história real de um amor impossível*. Romance. Lisboa: Dom Quixote, 2009.
- VIEIRA, José Luandino. *Vidas Novas*. Estórias. Lisboa: Caminho, 2007.
- *Luuanda*. Contos. São Paulo: Ática, 1982.

- *Nós, os do Makulusu*. Narrativa, 2.^a ed. Lisboa: Sá da Costa, 1975.
- *De Rios Velhos e Guerrilheiros I. O Livro dos Rios*. Luanda: Nzila, 2006.
- *O Livro dos Guerrilheiros. De Rios Velhos e Guerrilheiros II – Narrativas*. Lisboa: Caminho, 2009.

